

“Presepe de Sombras” em Aracaju (Sergipe – Brasil): Uma reflexão sobre exibições cinematográficas no início do século XX

Andreza S. C. Maynard

Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe
Aracaju - Sergipe - Brasil
andreza@getempo.org

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar o aparecimento da atividade comercial de exibição de filmes em Aracaju (Sergipe – Brasil) entre as décadas de 1900 e 1910. A novidade das exibições cinematográficas surgiu de maneira esporádica e foi registrada por alguns jornais. Aproveitando o espaço do teatro, os exibidores colocavam ao público uma opção de entretenimento diferente. Na década de 1910 já é possível perceber que a atividade assume um caráter regular na cidade, quando os anúncios dos filmes apresentam mais detalhes sobre o conteúdo das fitas. As películas, produzidas fora do país, passam a integrar o dia-a-dia da capital sergipana e aos poucos se transformam numa opção permanente de lazer para a população aracajuana.

Palavras-chave: Aracaju, Século XX, Exibição Cinematográfica, História do Cinema.

Indignaram-se com as imagens vivas que o próspero comerciante Sr. Bruno Crespi projetava no teatro de bilheterias que imitavam bocas de leão, porque um personagem morto e enterrado num filme, e por cuja desgraça haviam derramando lágrimas de tristeza, reapareceu vivo e transformado em árabe no filme seguinte.
(Gabriel Garcia Márquez)¹

O fim do século XIX proporcionou uma série de novidades tecnológicas à humanidade. Uma das invenções que causou maior espanto e deleite foi justamente o cinema. Uma máquina chamada de cinematógrafo conseguia captar imagens em movimento e projetava essas imagens sobre uma tela. Muito embora inicialmente a produção dos filmes estivesse restrita a alguns países, a exibição das fitas para o público se espalhou rapidamente e não demorou a chegar ao Brasil.

¹ MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. **Cem anos de solidão**. 60 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 256.

Já em 1896 foi realizada a primeira exibição cinematográfica no Rio de Janeiro. O encantamento dos filmes sobre as plateias transformou o setor num negócio promissor, que se expandiu por outras cidades brasileiras, principalmente no início do século XX. Neste sentido, este texto analisa o aparecimento da atividade comercial de exibição de filmes em Aracaju (Sergipe – Brasil) entre as décadas de 1900 e 1910.

Fundada em 1855, a capital sergipana era uma cidade jovem, e ainda estava se estruturando quando sugiu a novidade das exibições cinematográficas. No entanto, os autores que se dedicaram a estudar o período privilegiaram outros temas. As histórias escritas sobre a Aracaju desse período se detêm, sobretudo, aos aspectos políticos, à movimentação comercial em torno da atividade açucareira e à estruturação física da cidade. Tais trabalhos mencionam as dificuldades dos primeiros anos e apontam que com o passar dos anos a cidade foi ganhando edificações mais sólidas.

Longe dali uma revolução tecnológica acontecia. Na América do Norte e na Europa, várias invenções procuravam dominar as imagens. A invenção da fotografia inspirou vários experimentos em torno da imagem. E a criação de películas maleáveis de celuloide, por volta de 1890, aguçou ainda mais a busca por uma forma de reproduzir imagens em movimento² para o público. Em muitos países, pesquisadores, inventores e apaixonados por novidades se esforçam para projetar fitas numa tela de forma que o público pudesse ver. Assim surgiram alguns aparelhos como curiosidades em meio à série de invenções do fim do século XIX³.

Conforme Georges Soudoul (1951), nos Estados Unidos Le Roy conseguiu o primeiro êxito em fevereiro de 1895. Em maio do mesmo ano foi a vez de Lathan e seus filhos, e em setembro Armant e Jenkins ofereceram ao público a mesma realização. Na Alemanha, Anchutz conseguiu o intento em setembro e Skladanowski em outubro. Na França, Louis Lumière projetou a imagem na tela para o público em 28 de dezembro de 1895. No entanto a sua realização foi a mais perfeita e o aparelho passou a ser requisitado em várias partes.

A primeira exibição do *Cinematographo* Lumière ocorreu no subsolo do Grand Café, em Paris. O filme “A chegada do trem na estação” exibia em único plano a imagem de um trem em movimento chegando a uma estação. O espetáculo

² O físico belga nascido na França Joseph Plateau, era professor na Universidade de Liège quando descobriu o princípio da recomposição do movimento a partir de uma série de imagens fixas. Cf. SADOUL, Georges. **O Cinema**: Sua arte, sua técnica, sua economia. Trad. Luiz e Thais L. de Vasconcelos. Casa do Estudante do Brasil: Rio de Janeiro, 1951. p. 14.

³ O “Quinetoscópio” que Thomas Edison colocou à venda em 1894 pode ser considerado o primeiro produto da indústria cinematográfica. Tratava-se de uma caixa onde o espectador via individualmente as imagens ampliadas por meio de uma lupa. Cf. SAUDOU, Georges. **O Cinema**: Sua arte, sua técnica, sua economia. Trad. Luiz e Thais L. de Vasconcelos. Casa do Estudante do Brasil: Rio de Janeiro, 1951.

impressionou aos 33 presentes, e mais tarde ao mundo. A data é apontada como o nascimento do cinema, uma indústria e forma de arte. Já o nome que a atividade assumiu em vários países foi uma abreviação do aparelho desenvolvido por Louis Lumière, cinema, de cinematógrafo.

Logo a máquina francesa se tornou um sucesso. Flávia Cesarino Costa (2006, p. 20) explica que isso se deveu às características técnicas do aparelho:

O vitascópio pesava cerca de 500 quilos e precisava de eletricidade para funcionar, já a máquina dos Lumière podia funcionar como câmera ou projetor e ainda fazer cópias a partir dos negativos. Além disso seu mecanismo não utilizava luz elétrica e era acionado por uma manivela. Por seu pouco peso o cinematógrafo podia ser transportado facilmente e assim filmar assuntos mais interessantes que os de estúdio, encontrados nas paisagens urbanas e rurais, ao ar livre ou em locais de acesso complicado. Além disso, os operadores do cinematógrafo Lumière atuavam também como cinegrafistas e multiplicavam as imagens de vários lugares do mundo para fazê-las figurar em seus catálogos.

O cinema chegou ao Brasil no ano seguinte. Uma máquina chamada *Omniographo* realizou uma projeção na Rua do Ouvidor, n. 57, no Rio de Janeiro, às 14h do dia 8 de julho. Em 1897 outros aparelhos como o *Animatographo*, *Cineographo*, *Vidamotographo*, *Biographo*, *Vitascópio* e o próprio *Cinematographo* se tornaram atrações no Rio de Janeiro, Petrópolis, São Paulo e outras cidades. Paulo Emílio Sales Gomes (1996) afirma que os primeiros exibidores eram artistas estrangeiros que trabalhavam como ambulantes. Ainda conforme Gomes, a primeira sala fixa foi instalada no n. 14 da Rua do Ouvidor, em 31 de julho de 1897, denominando-se “Salão de Novidades”, cujo principal proprietário era o imigrante italiano Paschoal Segreto.

Em São Paulo o fotógrafo Georges Renouveau fez uma exibição particular para o presidente do estado Campos Sales, no dia 7 de agosto de 1896. Depois o público pôde contemplar a novidade numa sala adaptada à Rua da Boa Vista (BARRO, 1996). Empresas exibidoras ambulantes também se encarregavam de apresentar as últimas fitas para os paulistanos. A exibição em salas fixas teve início com o Iris Theatre e o Bijou Theatre, aberto em novembro de 1907 por Francisco Serrador.

A primeira exibição cinematográfica em Aracaju teria ocorrido em 1899 graças à iniciativa do escritor teatral Cypriano Duarte, que utilizou o palco do teatro São José, localizado à Rua da Aurora⁴, para improvisar uma tela e exibir uma película de 18 metros. De acordo com Cypriano Duarte foi preciso aplicar nessa exibição e em outras

⁴ Hoje conhecida como Av. Rio Branco. Trata-se de um logradouro que tem à frente o Rio Sergipe, que banha Aracaju. Desde o surgimento da cidade, este foi um local de comércio e grande circulação de pessoas.

várias substâncias químicas⁵. À época era comum umedecer a tela com jatos de água antes da exibição “para dar maior brilho as imagens refletidas no pano branco” (SOUZA, 2004, p. 27).

Acostumado às peças teatrais o público aracajuano não se rendeu de imediato às exibições cinematográficas, que embora fossem concorridas, logo receberam o jocosos apelido de “Presepe de Sombras”. A maioria dos filmes eram reproduções de paisagens, cenas do cotidiano, a exemplo dos filmes dos Lumière, com poucos minutos de duração. Eram chamados de “documentários” ou “atualidades”. Durante as primeiras exibições Cypriano ficava no palco comentando os quadros a serem apresentados.

Estudioso sobre cinema, Anatol Rosenfeld afirma que no caso dos primeiros filmes era comum que o “diretor” acompanhasse a exibição comentando-a, explicando as imagens ao público, uma vez que ainda não se projetavam textos. Com o crescimento do negócio surgiu a figura dos “explicadores” ou “comentadores” que acompanhavam as exibições. A atitude de Cypriano refuta a afirmação de José Inácio de Mello Souza (2004, p. 165) de que

O narrador dos filmes, ao contrário do cinema inglês, norte-americano, russo ou japonês, esteve ausente tanto na França quanto no Brasil. No lugar dos comentadores, os espectadores podiam se servir dos programas distribuídos pelos exibidores ou dos pequenos resumos publicados nos jornais. Em 1907-1908, o Cinematographo Pathé e o Parisiense utilizavam-se das sinopses, principalmente para a descrição dos quadros das películas mais longas.

Em Aracaju o jornal informava apenas sobre a chegada do cinematografo à cidade. Nem mesmo o título das fitas era anunciado. Por isso a necessidade do “explicador”, diante da falta dos resumos e detalhes sobre a apresentação, o exibidor se encarregava de traduzir as imagens ao público⁶. A afirmação apressada de Souza (2004) está assentada na crença de que as práticas de exibição eram uniformes em todo o Brasil, bastando tomar o caso do Rio de Janeiro e São Paulo para concluir que podia deduzir a História do Cinema no Brasil a partir daí. A ausência de estudos dessa natureza é sintomática na historiografia brasileira⁷. As práticas de exibição e a

⁵ Por falta de uma documentação mais consistente sobre o período, não foi possível saber quais eram as substâncias químicas aplicadas na ocasião, ou mesmo se Cypriano Duarte declarou usar tais compostos para conferir uma aura de cientificidade ao evento, considerando que no fundo se tratava de uma ilusão de ótica.

⁶ Os letrados com diálogos e narração das cenas só é acrescentado na década de 1910. Portanto ao me referir a “traduzir as imagens ao público” quero dizer que o comentador explicava de que se tratava o filme, a situação que estava se passando, a relação entre os personagens, entre outros detalhes.

⁷ Há algumas exceções como o texto de Scheila Schvarzaman “Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20” publicado na Revista Brasileira de História, em 2005, volume 25 e o próprio José Inácio de Melo e Souza “Imagens do Passado”. Alguns trabalhos na área de arquitetura se voltam para a reconstituição dos projetos dos cinemas, e há as obras de memorialistas que se esforçam para registrar geralmente com um tom apologético a experiência em torno dos cinemas.

frequência aos cinemas permanecem uma lacuna. Admito a necessidade de retomar uma historiografia de sentido totalizante, no entanto esta deve se edificar fundamentada em fontes e esforço analítico, ou a partir das compilações individuais e não com base em suposições, como fez Souza (2004).

Até a primeira década do século XX a exibição de filmes em Aracaju era uma atividade esporádica, realizada por empresas itinerantes que viajavam constantemente. De uma forma geral nesse início havia poucos filmes, poucos aparelhos e poucos técnicos. O Brasil ainda não produzia filmes em quantidade suficiente para distribuir em larga escala. Paulo Emílio Sales Gomes (1996) acredita que até 1903 os irmãos Segreto, no Rio de Janeiro, foram os principais exibidores de filmes no país e os únicos produtores de pequenos filmes nacionais de atualidades.

Como na maioria dos casos o repertório de filmes era diminuto, a exibição ambulante convertia-se numa modalidade mais lucrativa. Também é preciso considerar que a procura pelo cinema ainda era reduzida. Para gerar lucros numa sala fixa, seria preciso variar os programas, adquirindo novas fitas constantemente. No caso de exibir as mesmas fitas tornava-se mais vantajoso mudar de público, indo de cidade em cidade apresentando as mesmas “atualidades”.

O próprio Cypriano Duarte não conseguiu lucrar o suficiente para manter o negócio de cinema em Aracaju. Ele acabou vendendo o aparelho ao seu sócio, Manuel José Hanequim, que fez algumas excursões pelo interior da Bahia. Enquanto isso Aracaju recebia a visita de empresários ambulantes, que traziam o *Cinematographo*, geralmente exibindo seus filmes no Teatro Carlos Gomes, localizado à Rua da Aurora. Quando um empresário chegava à cidade o evento era comunicado pela imprensa para que o público comparecesse em massa. Nesse sentido, o *Correio de Aracaju* propagandeava que

Realizar-se-á sábado a estreia do cinematografo dos srs. Rocha & Porto, que, por incidentes no respectivo motor, os seus proprietários têm sido forçados a adiar.

Pela experiência feita acreditamos encher-se o teatro, pois as fitas são magnificas e o aparelho produz luz boa e segura⁸.

O anúncio destacava o esforço dos proprietários do *Cinematographo* em consertá-lo, ao mesmo tempo em que garantia a qualidade das fitas e a segurança de uma luz produzida pelo aparelho. À época os filmes padrão utilizavam um suporte de celuloide, cuja composição aproximava à do algodão-pólvora, tornava-o facilmente

⁸ CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, 1 Ago. 1907, p.3.

inflamável e quase explosivo. Como a projeção se fazia pela passagem do filme pelo foco de uma lâmpada de projetor de alta temperatura, qualquer interrupção na projeção poderia causar um acidente, dado a probabilidade de a película pegar fogo.

Em 1897 um incêndio irrompeu durante uma exibição cinematográfica em Paris matando aproximadamente 120 pessoas. É compreensível que o jornal sergipano tenha se preocupado em garantir a segurança da exibição, enfatizando que o aparelho produzia uma luz forte o suficiente para garantir a qualidade da projeção, ao mesmo tempo em que a fonte era segura, o que certamente evitaria uma tragédia. Em setembro de 1907 outra empresa levou o *Cinematographo* à cidade, mas com um diferencial. Dizia o anúncio:

Hoje estreia nesse Teatro a Empresa Norte do Brasil, com um Cynematographo falante, sob a direção do sr. Moura Quineau. É de crer que o público concorra a essa bela diversão, já tão aplaudida em outros lugares⁹.

Ainda não se tratava do filme sonoro, como pode parecer à primeira vista, mas de uma combinação entre o cinematógrafo e o gramofone, comum no início do século XX. Com o cinema mudo a música era indispensável para encobrir o ruído do projetor, já que nem sempre havia paredes separando o projetor da sala de espetáculo. Considerando que até aquele momento não se haviam erguido edifícios especificamente para exibições cinematográficas no Brasil, nem adaptado o interior dos teatros sergipanos à nova atividade. O rumor do aparelho era neutralizado com um som mais agradável, uma vez que o ruído do projetor acentuava “o desumano e mecânico do espetáculo” (ROSENFELD, 2002, p. 24), criando um mal estar. E este não era o objetivo dos empresários que viajavam pelo Brasil exibindo filmes. Ao contrário, a “missão” do cinema era oferecer um espetáculo fascinante e com ares de magia.

Em Aracaju inicialmente o anúncio da exibição de filmes era colocado junto à propaganda dos teatros e circos. Na década de 1910 a atividade apareceu na coluna intitulada “Diversões” do jornal *Correio de Aracaju*. O cinema frequentemente é relacionado à ideia de uma diversão moderna. Baseado no que se entende por concepção neurológica da modernidade, Ben Singer (2004, p. 96) afirma que a modernidade “foi concebida como um bombardeio de estímulos” e que o início do cinema culminou com esta tendência de sensações vívidas e intensas. Desde muito cedo, os filmes gravitaram em torno de uma “estética do espanto” (SINGER, 2004, p.

⁹ CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, 1 Set. 1907, p.3.

114). Concordando com Walter Benjamin (1991; 1994) e Siegfried Kracauer (2009), Singer (2004) afirma que o cinema enquanto divertimento sensacionalista treinou os sentidos humanos, que passaram a exigir novos estímulos.

E o cinema vai constantemente buscar novas maneiras de despertar o interesse do público oferecendo estímulos sensoriais diversos. Essa era, aliás, uma ferramenta importante para o seu desenvolvimento industrial e aperfeiçoamento enquanto arte. As novidades do cinema eram propagadas para ajudar a vender a atração. Até 1910 os jornais de Aracaju não divulgavam o título dos filmes, produtoras, atores e diretores. A propaganda se concentrava em informar sobre a chegada de um aparelho capaz de projetar filmes, destacando seu nome e as qualidades do mesmo, a firma proprietária e a reação do público. Nas primeiras décadas do século XX era comum que as exibições cinematográficas ocorressem no Teatro Carlos Gomes.

Importava que o espetáculo trouxesse algum diferencial em relação às apresentações realizadas anteriormente por outras empresas. A distinção entre os exibidores que passavam por Aracaju era um detalhe importante à época e os anúncios faziam questão de ressaltá-los ao público ávido por novidades.

Quinta-feira passada nesse teatro teve lugar a estreia do “Phono-Cinema”, com um programa verdadeiramente atraente, que agradou geralmente a nossa plateia.

Incontestavelmente por aqui ainda não chegou um aparelho tão perfeito como esse de que nos ocupamos em referência a todos os seus ramos.

As fitas empregadas nesse espetáculo foram de um êxito admirável e de cenas magníficas, das quais destacam-se muitas interessantes de provocarem hilariedade aos espectadores.

A concorrência foi animadíssima, notando-se em todos completa satisfação pelas noites alegres que havemos de passar.

Ontem houve novo espetáculo, cujas cenas representadas foram bastante apreciadas¹⁰.

Sem detalhar o conteúdo das fitas, nem mesmo seus títulos, a nota fornece informações a respeito do que julga pertinente ao interesse do público de jornal e de cinema. Mereciam destaque o nome e os atributos do aparelho, os predicados do programa escolhido e a reação positiva do público. Em 1909 Anísio Dantas e João Rocha instalaram o Cinema Sergipe no Teatro Carlos Gomes, mas o projeto durou pouco tempo. Até 1910 ainda era anunciada a chegada do cinematógrafo a Aracaju. Uma notícia de 1º de junho relata que

¹⁰ CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, 25 Jul. 1909, p. 2.

“Partiu ante ontem da cidade do Recife, a bordo de um dos vapores da companhia baiana, com destino a esta capital, o diretor, pessoal e maquinismo do cinematographo, que estava trabalhando na bela capital do norte; e vem exhibir-se, entre nós, no teatro Carlos Gomes”¹¹.

o que leva a crer na inexistência de uma sala fixa para exhibições nesse ano¹².

Somente em 1911 o *Correio de Aracaju* passa a anunciar em caráter permanente a programação do Kinema Ideal, fundado por João Firpo e Flavio Quintella. Em 1913 eles passaram o Kinema Ideal a Alcino Barros e Luiz França. Estes lhe deram o nome de Rio Branco e o passaram a Hormindo Menezes e Juca Barreto, este último se tornaria o único proprietário nas décadas seguintes. As exhibições do Rio Branco se faziam inicialmente no Teatro Carlos Gomes, mudando posteriormente para a Rua João Pessoa, n. 132. Em 1912 apareceu o Elite Cinema (que mudou o nome para Royal em 1914), e em 1913 surgiu o Eden Cinema, na Travessa José de Faro. Todos eles estavam localizados na região central da cidade.

Na década de 1910 a programação dos cinemas já anunciava os títulos das fitas, os nomes das produtoras, os preços, a nacionalidade dos filmes, o gênero, os nomes de alguns atores como Theda Bara¹³ e Max Linder¹⁴. Para o dia 1º de setembro de 1912 o Kinema Ideal anunciou a exhibição de

A mocidade de Henrique IV ou a pequena Bernaite, soberbo drama histórico do querido fabricante Gamnout; a Conquista de Polo, viagem extraordinária de Mr. Georges Melies, deslumbrante film feérico de Pathé, com 800 metros dividida em 2 partes; Caim e Abel, fita sacra serie d’arte colorida; e uma surpresa para todas as secções é o programa importante que é oferecido hoje aos inumeráveis frequentadores do apreciado Ideal.

Terça-feira: “A filha dos Trapeiros”, com 800 metros dividida em 2 partes.

BREVEMENTE: - O FILHO PRODIGO, com 1400 metros, dividido em 3 partes¹⁵.

Já o Elite Cinema prometia para o dia 1º de dezembro de 1912 uma programação com fitas americanas e francesas com

O soberbo drama americano Vitagraph, A mortalha da mãe; a fita do natural, Goumont atualidades n. 62; a interessante comedia americana, A tutelada

¹¹ CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, 1 Jun. 1910, p. 2.

¹² Segundo a historiadora Maria Thétis Nunes o cinema surge em Aracaju em 1909 e de acordo com o memorialista Murilo Melins o Cine Rio Branco foi fundado em 1904.

¹³ Theodosia Burr Godman (1885-1955) foi uma atriz norte-americana que se consagrou durante os anos do cinema mudo com o filme “Escravo de um paixão” (“A Fool There Was”, 1915). Uma das primeiras atrizes a se tornar um símbolo sexual, Theda Bara personificou a expressão “Vamp”, empregada para designar uma mulher fatal.

¹⁴ Gabriel Leuvielle Maximilien (1883-1925) foi um francês ator, comediante e cineasta que encontrou o sucesso no cinema mudo antes da 1ª Guerra Mundial. Cometeu suicídio em 1925.

¹⁵ CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, 1 Set. 1912, p. 2.

rebelde; a extraordinária fita dramática colorida do fabricante Pathé, A Vingança de Magdalena; a fita cômica desempenhada pelo rei do riso, Max Linder, Uma aposta original.

Terça-feira: JERUSALEM LIBERTADA, com 1500 metros em 3 partes¹⁶.

As fitas, que eram alugadas por um tempo e deveriam ser devolvidas, chegavam por navios a vapor. Eram filmes europeus produzidos pela Nordisk, Pathé, Goumont, os americanos da Vitagraph e Biograph. Durante a década de 1910 a atividade de exibição de filmes assume um caráter regular em Aracaju. Os anúncios dos jornais mencionam a programação dos estabelecimentos chamados de “cinemas”, e procuram detalhar o nome do filme, seu conteúdo e os nomes dos atores e atrizes, bem como mencionam a extensão das fitas (metragem), a quantidade de partes e os nomes das “fábricas” dos filmes.

No dia 31 de outubro de 1915 o jornal *O Estado de Sergipe* anunciava a programação dos cinemas da cidade, o “Eden Cinema” e o “Cinema Rio Branco”. Dizia o periódico:

EDEN CINEMA

Funciona hoje este frequentado cinema com um programa verdadeiramente colossal. Será repetido o extraordinário drama de sensação em 5 longos atos, de sugestivo título:

O PADEIRO DE VENEZA

O assunto deste suntuoso filme é: a dor, o sofrimento, o amor, o castigo imerecido, o remorso, a justiça divina. Os intérpretes são os melhores artistas da reputada fábrica italiana <Lemardo Film>.

Recomendamos ao público em geral esta soberba fita – O PADEIRO DE VENEZA.

- Amanhã: Um espetáculo sensacional! Exibição de uma fita nova!

A empresa deixa de dar o nome afim de causar surpresa aos seus frequentadores.

CINEMA RIO BRANCO

É hoje a repetição da belíssima fita em 4 partes que o público ansiosamente esperava.

PROTÉA

(...) com a atriz Mell Josette Andnot.

- Amanhã “O condenado de Guayana” da fábrica “Aquila”¹⁷.

Nesse mesmo período, um conflito bélico se travava na Europa, a Primeira Guerra Mundial. Mas este era um problema distante do cotidiano dos aracajuanos. As notícias sobre as batalhas travadas entre 1914 e 1918 não recebiam tanto destaque dos periódicos publicados à época, quanto durante a Segunda Guerra Mundial, quando as informações a respeito do conflito ocuparam as primeiras páginas dos jornais. Ainda que recebesse uma atenção discreta, na década de 1910 a guerra em andamento foi

¹⁶ CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, 1 Dez. 1912, p.2.

¹⁷ O ESTADO DE SERGIPE. Aracaju, 31 Out. 1915, p. 3.

mencionada na programação dos cinemas. A programação do dia 31 de janeiro de 1917 do Eden Cinema incluía um “filme da guerra”¹⁸, mas o jornal Estado de Sergipe não detalhou o conteúdo da fita.

Os jornais anunciavam a programação dos filmes, elogiando aos filmes e artistas. No entanto ainda não é possível perceber críticas às fitas, ou menções à opinião do público. A parte do jornal que cita os filmes é uma seção curta, com poucos estabelecimentos e poucos títulos anunciados. Além disso, nesses espaços também ocorrem a apresentação de outras manifestações artísticas.

Durante as duas primeiras décadas do século XX, a exibição de filmes em Aracaju passou por mudanças significativas. Inicialmente a atividade era exercida de maneira esporádica, dependendo da chegada de um aparelho e novas fitas à cidade. Na década de 1910 já é possível perceber que a atividade assume um caráter regular na cidade. Os anúncios dos filmes são apresentados com mais detalhes sobre o conteúdo das fitas. As películas, produzidas fora do país, passam a integrar o dia-a-dia da capital sergipana e aos poucos se transformam numa opção permanente de lazer para a população aracajuana.

Nos anos 1920 as fitas da *Paramount*, *Metro*, *Warner*, *Fox*, *Columbia*, *RKO* e *Universal* tornam-se mais frequentes em Aracaju¹⁹. E algumas das estratégias empregadas pelos jornais para divulgar os filmes na década de 1910 serão copiados nos anos seguintes, a exemplo da menção do nome das produtoras, descrição das tramas e os nomes dos artistas que estão presentes nas fitas.

A exibição de filmes em Aracaju entrava numa fase diferente, mas as películas importadas continuavam apresentando as últimas novidades ao público dos cinemas. Os aracajuanos seguiam envolvidos pela beleza apresentada nas telas.

¹⁸ Cf. ESTADO DE SERGIPE. Aracaju, 31 Jan. 1917, p. 3.

¹⁹ De acordo com José Inácio de Melo e Souza, as distribuidoras norte-americanas Universal, Paramount e Fox instalam-se no Brasil entre 1915 e 1916, o que favorece o aumento dos filmes estadunidenses no Brasil. Cf. SOUZA, José Inácio de Melo. **Imagens do passado**: São Paulo e Rio de Janeiro nos primórdios do cinema. São Paulo: SENAC, 2004.

"PRESEPE OF SHADOWS" IN ARACAJU (SERGIPE - BRAZIL): A REFLECTION ON FILM SCREENINGS IN THE EARLY TWENTIETH CENTURY

Abstract: This paper analyzes the appearance of trading activity in cinema exhibition in Aracaju (Sergipe, Brazil) between the decades of 1900 and 1910. The novelty of the film screenings emerged sporadically and was recorded by some newspapers. Taking advantage of the theater space, exhibitors brought to the public a different option of entertainment. In the 1910s it is already possible to see that the activity is a regular character in the city, when the classified ads of the films present more details about the contents of the tapes. The films produced outside the country, becomes part of the day-to-day and gradually become a permanent leisure option for the people who lived in Aracaju.

Keywords: Aracaju, Twentieth Century, Cinema Exhibition, Film History.

Referências

BARRO, Maximo. A primeira sessão de cinema em São Paulo. 2 ed. São Paulo: Tanz do Brasil, 1996.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Vol I: Magia e técnica, arte e política. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. Sociologia. 2 ed. Trad. e Intr. Flávio R. Kothe, São Paulo, Ática, 1991.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer. 15 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel de. *Práticas de espaço*. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano: 2 Morar, cozinhar. 8 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COSTA, Flávia Cesarino. O Primeiro Cinema. In: MASCARELLO, Fernando (org.). História do cinema mundial. 6 ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

GOMES, Paulo Emílio Sales. Cinema: trajetória no subdesenvolvimento. São Paulo: Paz e terra, 1996.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. Cem anos de solidão. 60 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

KRACAUER, Siegfried. O ornamento da massa: ensaios. Trad. Carlos Eduardo Jordão Machado, Mrlene Holzhausen. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MASCARELLO, Fernando (org.). História do cinema mundial. 6 ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

MELINS, Murillo. Aracaju romântica que vi e vivi: Anos 40 e 50. 4 ed. Aracaju: UNIT, 2011.

NUNES, Maria Thetis. História da Educação em Sergipe. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: Secretaria de Educação do Estado de Sergipe. Universidade Federal de Sergipe, 1984.

ROSENFELD, Anatol. Cinema: arte & indústria. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

SADOUL, Georges. O Cinema: Sua arte, sua técnica, sua economia. Trad. Luiz e Thais L. de Vasconcelos. Casa do Estudante do Brasil: Rio de Janeiro, 1951.

SEVCENKO, Nicolau (org.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 513 – 619. v. 3.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (orgs.). O cinema e a invenção da vida moderna. 2 ed. Trad. Regina Thompson. Pref. Ismael Xavier. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

SOUZA, José Inácio de Melo. Imagens do passado: São Paulo e Rio de Janeiro nos primórdios do cinema. São Paulo: SENAC, 2004.

XAVIER, Ismail (org.). O cinema no século. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

SOBRE O AUTOR

Andreza S. C. Maynard é pós-doutoranda em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, doutora em História pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" e integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). Bolsista CNPq/FAPITEC-SE na modalidade DCR-C.

Recebido em 29/04/2014

Aceito em 24/06/2014